

Nuno Júdice, *La cospirazione Cellamare*, traduzione **Maria Luisa Cusati**, Napoli, Grimaldi & C., 2020, 141 pp.

O poeta e romancista Nuno Júdice já não era desconhecido da cultura italiana, até pela sua actividade de conferencista e ensaísta participativo de muitos encontros e congressos realizados em Itália. O conhecimento da sua vastíssima produção literária terá aumentado com a tradução do romance *A conspiração Cellamare* (2016), narrativa que tem como pano de fundo Nápoles e arredores, e cuja acção elege o grande palácio napolitano de Cellamare, pertencente a um antepassado do narrador/autor, Antonio Giudici de seu nome, participante na “guerra da Sucessão”, colaborando com os conspiradores, nomeado como

embaixador em Paris e negociador do “acordo de paz, em 1714, que deu a Filipe V, neto de Luís XIV, a coroa de Espanha”.

A criação do contexto a partir do qual se desenvolve a narrativa é deveras original e pertinente para a narração sucessiva. Aqui o Autor inscreve as peripécias que envolvem a passagem por Nápoles de grandes figuras, de Caravaggio a Casanova, de Sade a Goethe, com alguns *excursus* sobre a contemporaneidade – em que utilizará a estética da ironia –, com a erudição que lhe confere a sua qualidade de francesista – neste caso “introduzindo” o leitor na obra de Montesquieu –, sem esquecer os metatextos sobre teoria literária e sobre o romance moderno em particular. Esta interrealização está de acordo com a declaração explícita do narrador: “eu não queria escrever um

romance histórico; eu nem sequer queria escrever um romance. Seria uma mistura de géneros, entre o diário, as memórias e a ficção” (pp. 7-8 da edição portuguesa).

O texto italiano segue meticolosamente o original português e proporciona ao leitor uma expressão linguístico-literária nivelada pelo texto de partida, não querendo “trair” o nível formal proposto por Nuno Júdice. De resto, era este o resultado que se esperaria de uma experimentada tradutora como Maria Luisa Cusati, profunda conhecedora das duas culturas (italiana e portuguesa), base essencial para atingir resultados elevados num trabalho de transposição linguística, tendo em conta um texto impregnado de várias “linguagens” e de “sovrapposizioni in cui i tempi e le persone si confondono” (p. 117).

Exemplos dessa segura competência podem constatar-se no modo como a tradutora resolveu a transposição de formas idiomáticas, das quais demonstra conhecer perfeitamente o sentido: “caiam na esparrela”/“cadono nella trappola” (p. 39); “mais vale um velho rico na mão do que um cavaleiro pobre a voar”/“vale più un vecchio ricco tra le mani che un cavaliere povero

in ipotesi” (p. 102); e ainda “tenha perdido o fio à meada”/“abbia smarrito il bandolo della matassa”, aqui utilizando o equivalente italiano com o mesmo sentido (p. 97). Também resolveu “corrigir” expressões conhecidas ligadas à cultura napolitana como a mítica “Ver Nápoles e morrer”/“Vedi Napoli e poi muori” (p. 21), um quase aforismo que tem conhecido inúmeras variantes de significado, como acontece com a expansão dos mitos; ou manter algumas formas portuguesas por assim dizer intraduzíveis, como, por exemplo, “Açafata” (com a nota explicativa: ‘denominazione all’epoca della dama di corte’, p. 27); ou “algarvio”, chegando a introduzi-la como neologismo (“gli algarvii”, p. 126), não caíndo na armadilha dos chamados falsos amigos: “um simples apontamento”/“una semplice annotazione” (p. 79).

Trata-se, pois, de uma tradução extremamente cuidada, conferindo ao romance de Nuno Júdice a atenção meticolosa que o original sem dúvida merece, e contribuindo, deste modo, para a consolidação duma qualificada recepção literária do Autor em Itália. MANUEL G. SIMÕES